

**UNIVERSIDADE DO PLANALTO CATARINENSE – UNIPLAC
LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA E LÍNGUA INGLESA**

PEDRO HENRIQUE DE SOUZA ABREU

**DO DISCENTE REVOLTOSO AO DOCENTE DESALMADO:
UMA ANÁLISE DO PERCURSO EDUCACIONAL DE SEVERO SNAPE SOB A
ÓTICA DA DOCÊNCIA**

LAGES – SC

2025

PEDRO HENRIQUE DE SOUZA ABREU

**DO DISCENTE REVOLTOSO AO DOCENTE DESALMADO:
UMA ANÁLISE DO PERCURSO EDUCACIONAL DE SEVERO SNAPE SOB A
ÓTICA DA DOCÊNCIA**

Monografia apresentada à Universidade do Planalto Catarinense – Uniplac, como parte dos requisitos para a conclusão do Curso de Graduação de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa e Língua Inglesa.

Orientador(a): Prof. Me. Altamir Guilherme Wagner

LAGES – SC

2025

PEDRO HENRIQUE DE SOUZA ABREU

**DO DISCENTE REVOLTOSO AO DOCENTE DESALMADO:
UMA ANÁLISE DO PERCURSO EDUCACIONAL DE SEVERO SNAPE SOB A
ÓTICA DA DOCÊNCIA**

Monografia apresentada à Universidade do Planalto Catarinense - Uniplac, como parte dos requisitos para a conclusão do Curso de Graduação de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa e Língua Inglesa.

() Aprovado () Reprovado Nota: _____

Lages, _____ de _____ de 2025.

Banca examinadora:

Orientador(a) Prof. Me. Altamir Guilherme Wagner

Prof. Ma. Maria Cândida Melo Pereira

Prof. Dra. Schayla Letyelle Costa Pissetti

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho às minhas amigas Kiara e Jessica, fiéis parceiras de crime, drama e cafeína (às vezes, também de álcool) durante os surtos acadêmicos; ao professor Miro, que não só foi meu orientador, mas também o motivador que insistiu em mim mesmo quando nem eu teria me orientado; ao meu pai, Celio, e à minha mãe, Solange, que deixaram claro (com ameaças sutis) que eu não poderia adiar por mais um ano a entrega da monografia; e à minha tia Ivone, que, mesmo não estando mais aqui, continua sendo minha força silenciosa em cada passo.

“A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem”.

Paulo Freire

RESUMO

A fantasia é um subgênero literário que utiliza de recursos místicos e irreais como núcleo de sua narrativa para dar prosseguimento em histórias que se baseiam em propostas diversas de temáticas voltadas ao realismo. Dentro dessa proposta, é comum encontrar a presença de forças sobrenaturais que regem as leis do universo de determinadas obras. Apesar de tais artifícios comumente associados ao estilo do subgênero, algumas publicações conseguem transitar entre cenários mágicos e manter uma essência que levanta questionamentos e iniciam debates sobre situações e problemáticas reais, do cotidiano além da literatura. A saga de livros Harry Potter da escritora britânica J.K. Rowling aborda a vida de um jovem bruxo dentro de uma escola de feitiçaria, onde é muito presente a vivência do cotidiano escolar em seus sete livros. Essa vivência no cenário de ensino se destaca ainda mais nos momentos em que ocorrem as aulas de Poções, ministradas pelo professor Severo Snape. No decorrer da história, se descobre que o comportamento do docente pode ser um reflexo de suas experiências problemáticas na condição de estudante que o levaram a se tornar um educador com uma postura autoritária e questionável em situações tão perturbadoras que o afasta totalmente da proposta da docência.

Palavras-chave: educação; literatura fantástica; Severo Snape; prática docente; opressão escolar.

ABSTRACT

from rebellious student to soulless teacher: an analysis of severus snape's educational journey through the lens of teaching

Fantasy is a literary subgenre that uses mystical and unreal elements as the core of its narrative to develop stories based on various themes related to realism. Within this approach, it is common to find the presence of supernatural forces that govern the laws of the universe in certain works. Despite such elements being typically associated with the style of the subgenre, some publications manage to move between magical settings while maintaining an essence that raises questions and sparks debates about real-life situations and issues beyond literature. The *Harry Potter* book series by British author J.K. Rowling addresses the life of a young wizard in a school of witchcraft, where the experience of school life is prominently depicted throughout its seven volumes. This educational environment becomes even more significant during the Potions classes, taught by Professor Severus Snape. As the story unfolds, it becomes clear that the teacher's behavior may reflect his own troubled experiences as a student, which led him to become an educator with an authoritarian and questionable posture in situations so disturbing that they completely distance him from the ideals of teaching.

Keywords: education; fantasy literature; Severus Snape; teaching practice; school oppression.

OBJETIVO GERAL

- Analisar, sob a ótica da docência, como as experiências escolares e sociais vivenciadas por Severo Snape, personagem da saga Harry Potter, influenciaram sua postura enquanto educador, relacionando essa trajetória fictícia com problemáticas reais do ambiente educacional contemporâneo.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Contextualizar o universo da série Harry Potter, destacando elementos da construção da Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts que dialogam com estruturas e desafios presentes no ensino real;
- Investigar o percurso de Severo Snape como discente e docente, evidenciando os reflexos de sua vivência escolar marcada por bullying, exclusão social e rivalidades no exercício de sua prática docente autoritária;
- Promover a reflexão sobre como o ambiente escolar e as experiências pessoais podem contribuir tanto para o fortalecimento quanto para o adoecimento e a desumanização do professor.

JUSTIFICATIVA

A escolha por analisar o percurso educacional do personagem Severo Snape sob a ótica da docência justifica-se pela relevância acadêmica e crítica que a temática suscita. A série *Harry Potter*, de J.K. Rowling, ocupa um lugar de destaque no imaginário popular contemporâneo e se configura como uma rica fonte de representações sociais, culturais e educacionais. No interior de seu universo mágico, questões como autoridade, exclusão, ética docente e relações pedagógicas ganham contornos complexos, especialmente através da figura de Severo Snape — personagem que transita entre o papel de discente marginalizado e o de professor rigoroso e, por vezes, cruel.

Este trabalho propõe-se a investigar como a trajetória de Snape enquanto aluno e, posteriormente, como docente, reflete e tensiona práticas educacionais reais, em especial quando analisada à luz da pedagogia crítica, com destaque para os pressupostos de Paulo Freire. Ao promover esse diálogo entre literatura de fantasia e teoria educacional, busca-se contribuir para uma leitura mais profunda das representações do ensino na cultura pop, ao mesmo tempo em que se propõe uma reflexão sobre os desafios enfrentados no exercício da docência.

Para além dos aspectos acadêmicos, este trabalho carrega também uma dimensão pessoal. *Harry Potter e a Pedra Filosofal* foi o primeiro livro que comprei por conta própria, ainda na infância, marcando o início da minha relação com a literatura. Ao longo dos anos, cresci acompanhando a saga e, paralelamente, percorri meu próprio caminho rumo à sala de aula, atuando como professor de Língua Inglesa, algo proporcionado pelos livros de Rowling. Revisitar essa obra sob uma ótica crítica e educacional é, portanto, não apenas um exercício intelectual, mas também uma forma de dialogar com minha própria história — unindo afeto, formação e reflexão.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

a.C.....	Antes de Cristo
BBC.....	British Broadcasting Corporation
MACUSA.....	Magical Congress of the United States of America
N.I.E.M.s.....	Níveis Intermediários de Educação Mágica
N.O.M.s.....	Níveis Ordinários em Magia
ONU.....	Organização das Nações Unidas
UNE.....	União Nacional de Estudantes

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA	4
EPÍGRAFE.....	5
RESUMO	6
ABSTRACT.....	7
OBJETIVO GERAL E OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	8
JUSTIFICATIVA	8
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS.....	10
SUMÁRIO.....	11
INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO 1 - ENSINAR, UMA ARTE MILENAR.....	13
1.1 O surgimento da docência.....	13
1.2 Pautas freirianas.....	15
1.3 A conversão do discente revoltoso em docente desalmado.....	16
1.4 A docência contemporânea.....	19
CAPÍTULO 2 - VIDA E OBRA DE J.K. ROWLING.....	22
2.1 Rowling além da ficção.....	22
2.2 O Ministério da Magia Britânica.....	24
2.3 A Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts.....	25
CAPÍTULO 3 - SEVERO ANTES DE PROFESSOR SNAPE.....	28
3.1 As famílias bruxas e o medo da diferença.....	28
3.2 O contexto socioeconômico de Snape: Cokeworth e as marcas do Thatcherismo.....	29
3.3 Sonserina: a personificação da marginalidade.....	31
3.4 O mestre de poções e sua didática.....	36
3.5 Reflexos do discente.....	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
REFERÊNCIAS.....	44

INTRODUÇÃO

A fantasia é um subgênero literário que utiliza de recursos místicos e irreais como núcleo de sua narrativa para dar prosseguimento em histórias que se baseiam em propostas diversas de temáticas voltadas ao realismo. Dentro dessa proposta, é comum encontrar a presença de forças sobrenaturais que regem as leis do universo de determinadas obras. Apesar de tais artifícios comumente associados ao estilo do subgênero, algumas publicações conseguem transitar entre cenários mágicos e manter uma essência que levanta questionamentos e iniciam debates sobre situações e problemáticas reais, do cotidiano além da literatura. A saga de livros Harry Potter da escritora britânica J.K. Rowling aborda a vida de um jovem bruxo dentro de uma escola de feitiçaria, onde é muito presente a vivência do cotidiano escolar em seus sete livros. Essa vivência no cenário de ensino se destaca ainda mais nos momentos em que ocorrem as aulas de Poções, ministradas pelo professor Severo Snape. No decorrer da história, se descobre que o comportamento do docente pode ser um reflexo de suas experiências problemáticas na condição de estudante que o levaram a se tornar um educador com uma postura autoritária e questionável em situações tão perturbadoras que o afasta totalmente da proposta da docência.

CAPÍTULO 1 - ENSINAR, UMA ARTE MILENAR

Este capítulo busca abordar algumas das primeiras práticas que se enquadram como docência ao longo da história. Também serão analisadas as transformações do ensino com o passar dos séculos, desde o ensino informal do conhecimento até sua institucionalização, considerando os contextos sociais e culturais que influenciaram a função do professor.

1.1 O SURGIMENTO DA DOCÊNCIA

A docência, enquanto prática social e profissional, possui uma origem profundamente enraizada na história da humanidade. Desde os tempos mais remotos, o ato de ensinar esteve presente como uma necessidade vital para a sobrevivência, o ensino de conhecimentos e a continuidade das culturas. Muito antes da formalização da profissão docente como a conhecemos hoje, o ensino era realizado de forma informal, muitas vezes dentro do ambiente familiar ou comunitário, por anciãos, líderes espirituais ou membros mais experientes de um grupo (Maluf, 1997; Aranha, 2006).

Na Pré-História, os primeiros seres humanos transmitiam saberes por meio da oralidade, da observação e da imitação. Os adultos ensinavam às crianças habilidades essenciais como caçar, coletar alimentos, confeccionar ferramentas e se proteger dos perigos naturais. Esse tipo de ensino não seguia um currículo estruturado, mas era fundamental para a preservação do grupo e para a adaptação ao ambiente (Libâneo, 2013; Gadotti, 2000).

Os filósofos são, provavelmente, os exemplos mais antigos de que se tem registro quanto ao início da prática do ensino mais organizada. A palavra filosofia, de origem grega, significa amor pela sabedoria, e é esse estudo — que abrange a reflexão sobre a mente, os valores, a linguagem e o conhecimento — que proporcionou uma base mais sólida para o desenvolvimento do ensinamento. Como afirma Chaui (2000, p. 20), “a filosofia surge quando o ser humano, em vez de aceitar passivamente as explicações e ensinamentos recebidos, começa a interrogá-los, a duvidar deles, a querer explicações e argumentos.” Na Grécia Antiga, filósofos organizavam-se nas ágoras — espaços públicos rodeados pelas principais edificações gregas, onde os cidadãos conviviam entre si — e, ali, as proles das classes mais altas podiam ter um primeiro contato com o saber (Cotrim, 2015).

Mais tarde, com o surgimento da democracia na Grécia Antiga, no século V a.C., aparecem os sofistas — que, sem uma padronização doutrinária e com um ensino mais instrumental e superficial — passaram a comercializar seus conhecimentos com aqueles que podiam arcar com os custos de seus ensinamentos. A filosofia passou, então, a considerar o sofismo como a construção de raciocínios logicamente enganosos, organizados de má-fé, cuja

finalidade era confundir o contraditor. De acordo com o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, sofismo é definido como "argumento ou raciocínio concebido com a intenção de induzir ao erro, de enganar; falsidade lógica com aparência de verdade" (Houaiss, 2001, p. 2582). Por meio da oratória e da persuasão, os sofistas tentavam vender aquilo que se pode definir como aulas, voltadas a ouvintes desavisados. Suas práticas, por esse motivo, foram amplamente repudiadas por filósofos da época — entre eles, Aristóteles, que chegou a organizar uma listagem com o objetivo de refutar as ideologias sofistas, registrada na obra *Refutações sofísticas* (Aristóteles, 2001; Chauí, 2000).

As práticas de ensino se diversificaram ao redor do globo, mas ainda estavam longe de serem humanitárias ou suficientemente desenvolvidas. No Brasil Colônia, por exemplo, os jesuítas utilizaram a fé como instrumento de dominação dos povos indígenas originários do território e um protótipo de ensino motivado pela doutrinação. Para viabilizar o processo de catequização por meio da leitura e da escrita, tornou-se necessário alfabetizar esses povos, o que acabou facilitando a conversão religiosa promovida pela Companhia de Jesus, ordem vinculada à Igreja Católica (Romanelli, 2010, p. 34).

Somente em 1759 é que os jesuítas foram expulsos do Brasil pelo Marquês de Pombal. Sob a alegação de que essa ordem religiosa enfraquecia o poder da Coroa Portuguesa ao tentar enriquecer por conta própria, as reformas pombalinas implementadas após sua saída trouxeram uma relativa laicização do ensino e mudanças drásticas no cenário educacional brasileiro. Ainda assim, persistiam a ausência de professores devidamente formados e a limitação de um saber livre (Saviani, 2007). Ideias como educação libertadora e ensino universal estavam longe de fazer parte das pautas centrais do Império do Brasil (Ghiraldelli Jr., 2009; Brandão, 2007; Frigotto, 2011).

Com o passar dos séculos, a educação brasileira seguiu marcada por desigualdades, elitismo e exclusão de grande parte da população. Foi apenas no século XX, sobretudo a partir da segunda metade, que começaram a ganhar força propostas pedagógicas voltadas à democratização do ensino e à valorização do papel do educando como sujeito ativo no processo de aprendizagem. Nesse contexto, destaca-se o surgimento do pensamento de Paulo Freire, cuja proposta de educação libertadora rompe com modelos tradicionais e verticalizados, propondo uma prática dialógica, crítica e transformadora, que passaria a influenciar significativamente o debate educacional no Brasil e no mundo.

1.2 PAUTAS FREIRIANAS

Na obra de Paulo Freire, a ideia de uma educação libertadora está sempre presente. Tendo vivenciado em sua infância a fome durante a crise de 1929, o autor se afeiçoou mais tarde à realidade daqueles que eram desprovidos de recursos básicos e viviam em extrema pobreza, encontrando na educação seu campo de transformação. Sua obra *Pedagogia do Oprimido* foi elaborada durante seu exílio no Chile, sendo publicada no Brasil apenas em 1974, seis anos após a primeira edição em espanhol. Neste trabalho, Freire desenvolve uma crítica à educação militar imposta no Brasil, destacando o enfraquecimento da educação pública e das disciplinas de caráter reflexivo do currículo básico de ensino. Essa linha de pensamento, amplamente rejeitada pelas estruturas educacionais da época, levou Freire a desafiar metodologias ultrapassadas e abrir espaço para a reflexão sobre um ensino mais abrangente, sendo eternizado como patrono da educação brasileira. *A Pedagogia do Oprimido*, além de ser uma pedagogia de esperança, é também, segundo Freire, uma proposta de emancipação e libertação das estruturas sociais deterioradas, buscando uma sociedade regida pela democracia e justiça.

Esse compromisso com a transformação social também está presente em *A importância do ato de ler* (1982), no qual o autor afirma que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra” (Freire, 1982, p. 11), destacando que o ato de ler não pode ser separado da compreensão crítica da realidade. Para Freire, ensinar a ler é também ensinar a interpretar o contexto, o tempo e o espaço em que se vive — ideia que reforça a necessidade de uma educação comprometida com a formação de sujeitos críticos e conscientes.

Uma das principais pautas de Freire é a crítica à educação bancária, que ele define como "o ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador, o depositante" (Freire, 1968, p. 57-58). O autor argumenta que esse sistema educacional está centrado no ensino direto, sem levar em conta as diversas peculiaridades individuais dos alunos. Ele critica a ausência de processos reflexivos que considerem as problemáticas sociais que afetam diretamente o ensino e a formação do educando. Sem esse ensino crítico, o discente, mesmo ao concluir o ensino fundamental e médio, termina sua educação sem a capacidade de analisar, repensar e criticar as questões que o cercam.

Freire defende uma educação problematizadora, em que há espaço para diálogos entre educadores e educandos, buscando a humanização do ensino. Essa proposta também possui um caráter de denúncia contra as formas de opressão e exploração presentes nas relações entre dominadores e dominados na sociedade. As primeiras reações dos oprimidos, ao se reconhecerem na posição de opressores, são apontadas por Freire, que afirma: "O seu ideal é, realmente, ser homens, mas, para eles, ser homens, na contradição em que sempre estiveram e cuja superação não lhes está clara, é ser opressores. Estes são o seu testemunho de humanidade." (Freire, 1996, p. 20). A proposta do autor não é inverter os papéis, mas sim erradicar a condição de opressor, uma tarefa difícil, já que muitas vezes o ambiente externo, além da sala de aula, favorece a perpetuação da opressão.

Após muitos anos de projetos pedagógicos incipientes, finalmente começaram a ser iluminadas as problemáticas que estavam ocultas no cerne do ensino. Paulo Freire é um dos educadores mais citados e estudados quando o assunto é educação, justamente por seu olhar crítico e inovador sobre o ensino. Sua proposta de uma prática pedagógica libertadora continua extremamente atual, especialmente porque o ensino ainda sofre com métodos desgastados e arcaicos que pouco promovem a formação de sujeitos críticos e conscientes. Freire reforça que a educação precisa ser um espaço de diálogo, respeito e transformação social — ideias que permanecem fundamentais nos debates sobre a educação brasileira, que ainda enfrenta desafios históricos profundos.

1.3 A CONVERSÃO DO DISCENTE REVOLTOSO EM DOCENTE DESALMADO

Em outra obra sua, *Pedagogia da Autonomia*, Freire declara: “A educação é uma forma de intervenção no mundo” (Freire, 1996, p. 38). Dentro dessa fala, é justificável todo o seu pensamento que visa o rompimento com o tradicionalismo educacional. Isso ocorre porque, onde não se formam indivíduos críticos, não há independência para manifestações de indignação. E é nessa condição que atrocidades direcionadas contra seu próprio grupo social não são detectadas pelos indivíduos que não obtiveram um ensino crítico. Um exemplo disso é a censura imposta pelos militares que sucederam João Goulart, após o golpe que derrubou seu governo, evidenciada pela repressão aos movimentos estudantis e o controle sobre as organizações estudantis, como a União Nacional dos Estudantes (UNE), que foi rapidamente elitizada e tornou-se de difícil acesso para os alunos da educação pública durante a Ditadura Militar.

Além disso, Freire também levanta outro ponto importante sobre o ensino: “Ensinar exige respeito aos saberes dos educandos” (Freire, 1982, p. 34), em que propõe que os

conhecimentos adquiridos pela prática comunitária e as vivências individuais de cada aluno podem ser usadas como ferramenta para o ensino dos conteúdos previstos para a sala de aula. Aqui, Freire afirma que a posição de ensinar não reside totalmente no docente, e que este, mesmo estando em uma posição de poder, precisa se comprometer em compreender que existem diversos conhecimentos e vivências. Ao invés de ignorá-los, é possível trabalhar com essa bagagem individual para transmitir os conteúdos propostos. Uma vivência rural, onde se conhecem métodos para a sobrevivência em um ambiente onde o dinheiro não tem a mesma força que na cidade grande, não deve ser excluída da visão de conhecimento, quando comparada com as inteligências mais voltadas para esferas de alta sociedade, como o uso da matemática no mercado de trabalho.

Freire (1997, p. 37) ainda afirma: “A humildade nos ajuda a reconhecer esta coisa óbvia: ninguém sabe tudo; ninguém ignora tudo. Todos sabemos algo; todos ignoramos algo.” Sendo assim, cabe ao educador elaborar a melhor forma de trazer esse saber que precede a sala de aula e usá-lo como uma via para transmitir seu próprio saber, sem negar ou negligenciar o de quem se encontra na posição de educando. Muitas vezes, o ego do próprio docente será ferido, pois a experiência individual do estudante vai de encontro com aquilo que ele tomou como verdade absoluta. E neste instante, é difícil colocar sua autoridade de lado e admitir que, talvez, mesmo na posição de educador, há muito a aprender com o aluno.

Essas perspectivas visam o que a educação deve ser, mas, mesmo com tamanha importância, ser benéfico apenas para o discente não é suficiente para tornar a profissão cativante. Isso resulta na captação de profissionais descomprometidos, que visualizam a carreira como um último recurso, caso algo dê errado. Freire trata disso em *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar* (1997), abordando essa realidade quando fala sobre o encontro com graduandas e a comodidade, onde estas optaram pelo magistério pela inexistência de uma opção melhor, ou apenas como um lazer enquanto tentam encontrar bons casamentos. Freire (1997, p. 32) afirma: “A prática educativa, pelo contrário, é algo muito sério. Lidamos com gente, com crianças, adolescentes ou adultos. Participamos de sua formação. Ajudamo-los ou os prejudicamos nesta busca.” Sendo a prática de ensino algo tão sério, que pode impactar tanto positivamente quanto negativamente na vida do discente, é inaceitável que profissionais que não compartilham dessa perspectiva assumam a frente de uma sala de aula. Por outro lado, se pode cogitar, durante uma reflexão, se quem almeja o magistério pela ausência de outras oportunidades realmente teve um ensino transformador. Assim, se inicia um ciclo: uma jovem discente se frustra com o ambiente escolar e, mais tarde, na posição de docente, frustra sistematicamente seus estudantes.

As falhas de um docente sempre terão um núcleo que carrega a razão de sua falha, seja pelos estudantes do magistério desmotivados e sem qualquer perspectiva de futuro dentro da carreira, como abordado por Freire, ou pelo medo que assola o profissional ao se deparar com uma classe. Freire (1997, p. 27) fala: “A questão que se coloca não é, de um lado, negar o medo, mesmo quando o perigo que o gera é fictício. O medo, porém, é concreto.” Medo de ser ridicularizado pelos alunos, de ser desmoralizado, desrespeitado e, acima de tudo, de ser visto como incapaz, até mesmo por si próprio.

Esses temores são reais, pois a relação entre docente e discente é direta e demanda contato. Quando o discente sente o cheiro do medo, inverte então os papéis de poder, pois o docente não lhe transmite confiança para ser digno de lecionar. Com o tempo, a relação vai se deteriorando, aguardando apenas a desistência do professor. Freire (1997, p. 52) relata suas experiências vividas e como também presenciou a fraqueza de professores na perspectiva de aluno: “Sua aula era a segunda da manhã e ele já entrava vencido na sala onde a malvadez de alguns adolescentes o esperava para fustigá-lo, para maltratá-la.” Entretanto, Freire talvez idealize um super-professor, capaz de tudo e imune ao comportamento dos adolescentes. É preciso se lembrar que a sala de aula é um ambiente repleto de seres humanos, sejam professores ou alunos, e que todos ali estão expostos aos problemas sociais e pessoais, como o choro, ódio, rancor, decepção e frustração. A “malvadez” naquele instante provinha apenas de alguns adolescentes, mas sabe-se lá por quantos anos aquilo havia se tornado um hábito e quantos adolescentes maldosos já haviam passado pela classe desse professor. Hora ou outra, o cenário seria desgastante.

O docente é, muitas vezes, desumanizado, pois ora é colocado como fonte de formação humana essencial e de saber inesgotável, outrora é uma figura sem devida importância e que deve se habituar a um ambiente de péssima remuneração, ausência de autoridade e falta de perspectiva de futuro, tanto para aquele que leciona quanto para os que se sentam para aprender. Moacir Gadotti, em seu livro *Boniteza de um sonho: Ensinar-e-aprender com sentido* (2003, p. 14), aborda que os professores iniciam lutas por melhores condições “sem esclarecer a sociedade sobre a finalidade de nossa profissão, sem justificar porque estamos lutando.” Apesar da contribuição do autor, muitas vezes parafraseando Freire, é de certo modo raso acreditar que a ausência de condições dignas de trabalho recaia de alguma forma sobre os próprios docentes. Não é culpa deles e sim um problema estrutural que envolve toda a sociedade, pois a educação não pode ser preocupação exclusiva da classe docente. Afinal, os

professores são responsáveis pela formação de todos, e garantir boas condições para o ensino é de interesse geral, não apenas dos educadores.

Não é por falta de manifestações, protestos e lutas que o ensino é precário. Muitos professores estão desmotivados e esgotados por conta dessa jornada dupla: enquanto tentam convencer os alunos da importância do ensino dentro da sala de aula, também lutam nas ruas, abrindo mão de direitos básicos. Para muitos, já próximos do fim de suas carreiras, as mudanças são poucas e distantes, o que torna injusto acusá-los de não dialogar com a sociedade ou de não explicar seus motivos de indignação.

Pode-se afirmar que a chamada “sociedade abstrata” — na verdade, os poderosos que controlam os recursos para transformar a educação — já conhece os problemas da área, mas não tem interesse nem iniciativa para ajudar. Pelo contrário, a ignorância e a falta de acesso ao estudo das classes mais baixas mantêm essas posições inalcançáveis. Discursos que culpam a profissão só atrapalham, desviando a atenção do real problema: o desleixo com os professores é proposital para manter a elite inacessível.

O necessário é um meio-termo, onde o professor não seja vilanizado nem colocado como sub-humano. Como diz Freire (1997, p. 52): “Nem o todo-poderosismo do professor autoritário, arrogante, cuja palavra é sempre a última, nem a insegurança e a falta completa de presença e de poder que aquele professor exibia.”

É preciso reconhecer que valorizar a docência é, antes de tudo, uma responsabilidade coletiva. Sem o apoio real da sociedade e das instituições, qualquer esforço isolado dos professores será insuficiente para superar as barreiras impostas. Só com condições dignas, respeito e diálogo é que o ensino poderá deixar de ser um cenário de desgaste para se tornar um espaço de transformação genuína.

1.4 A DOCÊNCIA CONTEMPORÂNEA

A docência, como prática social e histórica, é fruto de um longo percurso repleto de mudanças, rupturas e permanências. O ato de ensinar — desde sua origem no seio familiar até sua institucionalização nas escolas — é um processo em constante reinvenção. No entanto, apesar dos avanços teóricos, filosóficos e políticos que moldaram a educação ao longo dos séculos, muitos desafios persistem, especialmente em relação à identidade e valorização do educador.

Paulo Freire, ao propor uma educação libertadora, convida-nos a refletir profundamente sobre a figura do professor. Em *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar* (1997), ele questiona a forma como os professores, especialmente as mulheres, são infantilizados e diminuídos profissionalmente ao serem chamados de “tias” por alunos e até mesmo pelas instituições. Para Freire, esse tratamento, embora confundido com afeto, contribui para a negação da autoridade pedagógica e para o esvaziamento da dimensão política e intelectual da profissão docente. Ele alerta que, ao aceitarem essa designação sem problematizá-la, os educadores correm o risco de serem vistos apenas como figuras afetivas ou substitutas parentais, não como profissionais críticos e transformadores.

A ideia da "tia" remete à doçura, à informalidade e à informalização do saber. Reduz o professor a um papel doméstico, acolhedor e submisso, desprovido da potência reflexiva e política que o exercício da docência requer. O próprio Freire (1997, p. 29) enfatiza: “*Não é possível transformar a prática docente em algo sério se o magistério for tratado como uma extensão da casa, como um lugar para ser amável e compreensivo, mas não crítico e exigente.*” O uso do termo “tia”, portanto, revela uma visão equivocada do processo educativo, deslegitimando o esforço intelectual, o preparo técnico e o compromisso ético que a prática de ensino exige.

Ao mesmo tempo, a romantização do sofrimento docente, somada à fragilidade institucional e à constante desvalorização social, contribui para a manutenção de um ciclo de opressão e frustração. Como foi abordado anteriormente neste capítulo, muitos professores ingressam na carreira por falta de alternativas ou por desencanto com outras possibilidades profissionais. Essa desmotivação, aliada à falta de preparo para lidar com os desafios do cotidiano escolar, pode culminar na figura do “docente desalmado”, uma versão antagônica do educador humanizador proposto por Freire.

No entanto, é fundamental reconhecer que os professores não são figuras imunes às dores e aos contextos em que vivem. São humanos, com medos, limitações, e trajetórias pessoais. Como Freire destaca, “*ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação*” (1997, p. 32). Assim, exigir um “super-docente” insensível às adversidades é desumanizante. A responsabilidade pela qualidade da educação não pode recair exclusivamente sobre o professor. Deve ser compartilhada com o Estado, as políticas públicas, a gestão escolar e a própria sociedade civil, que muitas vezes, como discutido, parece já ter compreendido os problemas educacionais, mas opta pelo silêncio e pela inércia.

A docência, portanto, precisa ser reconectada ao seu papel essencial: o de formação crítica e emancipatória. Para isso, é preciso romper com modelos arcaicos, com a

culpabilização dos educadores e com a romantização do sofrimento. É necessário afirmar, com convicção, que ser professor é uma escolha política, ética e profundamente transformadora. E essa escolha deve ser respeitada, valorizada e sustentada por condições dignas de trabalho, formação continuada e reconhecimento social.

Como dito por Gadotti (2003, p. 22), “ensinar com sentido é ensinar com paixão, com compromisso e com consciência de sua importância na transformação do mundo”. A educação, quando feita com sentido e talvez paixão, não tolera a opressão, a ignorância e o descaso. Ela exige coragem, resistência e fé no ser humano e na sua capacidade de evolução.

CAPÍTULO 2 - VIDA E OBRA DE J.K. ROWLING

Este capítulo busca analisar a trajetória de vida de J.K. Rowling, desde seu nascimento até o período em que foi discente e docente, além da construção do fenômeno *Harry Potter*. Também exemplificaremos como o universo mágico presente em seus livros funciona com base em entrevistas, vídeos, uma biografia não-autorizada e os próprios livros da saga escrita por Rowling.

2.1 ROWLING ALÉM DA FICÇÃO

Joanne Rowling, nascida em 31 de julho de 1965, em Yate, é uma escritora britânica amplamente conhecida pela série *Harry Potter*. Tornou-se a primeira escritora a atingir o status bilionário apenas com a escrita (Forbes, 2004) e foi reconhecida pela mesma revista como a segunda mulher mais influente do entretenimento.

Filha de Peter e Anne Rowling. Seus pais trabalhavam em áreas semelhantes, sendo Peter engenheiro aeronáutico e Anne técnica em ciências. Conheceram-se na Estação King's Cross em 1964 — estação de trem que viraria um cenário recorrente e simbólico em sua obra. Além de Joanne, o casal teve outra filha, Diane, nascida 23 meses depois. (Smith, 2003, p. 9)

Joanne sempre teve uma conexão muito forte com a literatura, influenciada por sua mãe. Muitas vezes foi enquadrada como estranha e teve como desafio em seu percurso educacional como discente a descrença de que sua imaginação pudesse ser algo positivo. Essa repressão à criatividade da autora é espelhada no protagonista de seus livros, Harry Potter, que desde pequeno é tratado como uma aberração por seus tios trouxas. Mesmo com dons mágicos desde muito novo, viveu escondido dentro de um armário e foi constantemente punido por sua diferença. A comparação entre a trajetória de Harry e a de Rowling é inevitável: ele é rejeitado por seus dons da mesma forma que ela foi desacreditada por seu talento com as palavras. Ainda muito cedo escrevia pequenas histórias que lia para sua irmã. A personagem Hermione Granger, lembrada por ser a primeira da classe nos livros, reflete a forma como Joanne via a si mesma: “Como Hermione, eu era obcecada pelo sucesso acadêmico, mas isso só servia para mascarar uma segurança enorme.” (Smith, 2003, p. 26). Seu interesse pela vida acadêmica, o apreço pela leitura e pela escrita foram características

destacadas por quem conviveu com ela na infância e acompanhou sua trajetória escolar. Anne, mãe da autora, foi provavelmente sua maior apoiadora. Depois de sua morte, Rowling acabou sendo mais influenciada pelo pai, Peter Rowling, que a convenceu a seguir uma carreira mais estável. Assim, ela se tornou professora, profissão que acabou sendo fundamental para a construção do universo pedagógico dentro da saga.

A família mudou-se frequentemente durante sua infância (Smith, 2003, p. 10), passando por diversas vilas. A adolescência de Joanne foi marcada por dificuldades, principalmente quando sua mãe Anne foi diagnosticada com esclerose múltipla, falecendo aos 45 anos. Em 2010, Rowling financiou uma clínica dedicada à pesquisa da doença, com uma doação de 10 milhões de libras (aproximadamente 27 milhões de reais na época). A clínica, localizada na Universidade de Edimburgo, recebeu o nome de *Anne Rowling* em homenagem à luta da mãe contra a doença.

Na obra de J.K. Rowling, a maioria dos elementos é fictícia, como a narrativa sobre bruxos e magia, mas o ambiente principal da trama é a Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts. Esse espaço apresenta dinâmicas semelhantes às do ensino real, apesar das disciplinas incomuns, especialmente nas cenas das aulas de poções, ministradas pelo professor Snape.

Mesmo em um universo fantástico, Rowling incorpora elementos de sua infância estudantil e problemáticas vividas que se refletem na construção do corpo docente da escola. Durante sua infância, conheceu John Nettleship, professor de Química no Colégio Wydean, em Chepstow, País de Gales, onde teve uma experiência negativa como aluna. Características físicas e pessoais de Nettleship — seus cabelos longos, nariz em gancho e personalidade rigorosa — serviram de base para os primeiros rascunhos do professor Snape. Após a adaptação cinematográfica de 2001, Nettleship percebeu que o personagem fora inspirado por ele e declarou, em entrevista ao portal *This is Gloucestershire* com fragmentos preservados pelo portal Aventuras na História (2023): “Fiquei horrorizado quando descobri. Sabia que era um professor rigoroso, mas não imaginava que fosse tão ruim” (Aventuras na História, 2023).

As semelhanças entre as disciplinas de ambos — Poções e Química — reforçam a inspiração. Nettleship comentou ainda: "Existem maneiras de os alunos se vingarem, mas esta é uma retaliação muito mais sofisticada". Mesmo com tom descontraído, é perceptível seu incômodo ao perceber a representação negativa de sua didática.

Outra figura marcante na educação de Rowling foi Sylvia Morgan, conhecida como Sra. Morgan, que impactou a criação da personagem professora rígida. Segundo Smith (2003), a professora separava os melhores alunos dos demais com um teste de aritmética no início das

aulas, episódio lembrado por Rowling em *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, quando os alunos do primeiro ano são divididos nas quatro casas da escola. Harry, sem conhecimento prévio de magia, sentiu-se perdido, assim como Joanne, que ainda não estudara frações e não soube responder parte do teste da professora. Ao final do ano, Rowling foi promovida ao lado esquerdo da sala, reservado aos alunos prodígio, uma mudança que alterou sua dinâmica social: “Ao dar alguns passos e atravessar a sala, me tornei inteligente mas impopular” (Smith, 2003, p. 21).

Após concluir o colégio, Joanne estudou Línguas Clássicas e Literatura Francesa na Universidade de Exeter. Formada, trabalhou em escritórios até se candidatar-se a uma vaga de docente de língua inglesa no Porto, Portugal, onde se mudou. Escrevia durante o dia e lecionava à noite. Lá conheceu Jorge Arantes, com quem se casou e teve uma filha, Jessica — nome em homenagem à escritora e ativista Jessica Mitford. O casamento terminou em decorrência de violência doméstica. Após o fim da relação, Joanne ficou desempregada e responsável pela filha. Oficializaram a separação em 17 de novembro de 1993, mas o divórcio só foi solicitado em agosto de 1994, após Jorge procurar a família na Escócia, onde Joanne obteve uma ordem de restrição. (Smith, 2003, p. 78)

Sustentada com auxílio de programas governamentais de renda básica (Smith, 2003, p. 82), Rowling fez um curso de formação de professores na *Moray House School of Education* da Universidade de Edimburgo, em 1995. Nesse período, sua escrita se fortaleceu; ela escrevia em cafés da cidade enquanto caminhava para fazer Jessica dormir. No mesmo ano, finalizou o manuscrito de *Harry Potter e a Pedra Filosofal*. A agência literária Christopher Little passou a representá-la na busca por editora, mas seu livro foi recusado por doze editoras. Somente em 1996 a editora londrina *Bloomsbury* aceitou publicá-lo, com o editor Barry Cunningham aconselhando-a a não criar muitas expectativas, pois ninguém enriquece com livros infantis.

Em junho de 1997, *Harry Potter e a Pedra Filosofal* foi publicado com tiragem inicial de mil cópias. Cinco meses depois, o livro já conquistava prêmios literários, e em 1998 a editora norte-americana *Scholastic Inc.* adquiriu os direitos de publicação por US\$ 105.000. Vinte e cinco anos depois, a saga havia vendido mais de 600 milhões de cópias, traduzida para 85 idiomas, tornando-se a série literária mais vendida da história.

2.2 O MINISTÉRIO DA MAGIA BRITÂNICO

A saga *Harry Potter* se ambienta majoritariamente no Reino Unido, especialmente em

localidades situadas na Inglaterra e na Escócia. O universo mágico, embora paralelo ao mundo não mágico, apresenta uma estrutura política própria. Nesse contexto, o Ministério da Magia Britânico configura-se como a principal autoridade governamental da comunidade bruxa, sendo responsável por grande parte da administração, regulação e fiscalização das atividades mágicas no território britânico.

Neste universo, além do Ministério, existem outras organizações de alcance internacional, como a Confederação Internacional dos Bruxos, que pode ser comparada à Organização das Nações Unidas (ONU), ao deliberar sobre questões envolvendo a cooperação mágica entre países e a normatização de práticas transnacionais. Entre os países representados nesse organismo, destacam-se o próprio Ministério Britânico e o Congresso Mágico dos Estados Unidos da América (MACUSA), ambos signatários das políticas conjuntas estabelecidas pela Confederação.

A principal diretriz desse sistema é a manutenção do sigilo mágico perante a sociedade não bruxa (humanos comuns incapazes de realizar magia e que vivem paralelamente aos bruxos, chamados de trouxas), assegurando a invisibilidade das práticas e instituições mágicas. A liderança do Ministério é exercida por um Ministro da Magia, cuja forma de nomeação — eletiva ou indicativa — não é explicitamente esclarecida na obra. A estrutura ministerial é composta por sete departamentos principais: o Departamento de Execução das Leis da Magia, o Departamento de Acidentes e Catástrofes Mágicas, o Departamento de Regulamentação e Controle das Criaturas Mágicas, o Departamento de Cooperação Internacional em Magia, o Departamento de Transportes Mágicos, o Departamento de Jogos e Esportes Mágicos e o Departamento de Mistérios. Cada um desses órgãos abriga divisões específicas, como a Comissão de Feitiços Experimentais, a Autoridade dos Exames Bruxos e o setor responsável pela Educação Mágica.

Quanto à formação educacional, cada governo mágico estabelece suas próprias diretrizes de ensino. Existem, ao todo, onze escolas oficiais de magia reconhecidas mundialmente. Dentre elas, as mencionadas na série são: Uagadou (África), Mahoutokoro (Japão), Durmstrang (Europa Oriental), Beauxbatons (França), Ilvermorny (América do Norte), Castelobruxo (Brasil) e Hogwarts (Reino Unido), esta última sendo o principal cenário narrativo da série.

2.3 ESCOLA DE MAGIA E BRUXARIA DE HOGWARTS

A Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts é uma instituição educacional de regime

interno, destinada à formação mágica de jovens bruxos e bruxas. A admissão ocorre aos onze anos de idade, mediante envio de uma carta oficial contendo orientações gerais, lista de materiais e informações logísticas, como o local de embarque para o trem que conduz os alunos até a escola. Os materiais escolares são adquiridos no Beco Diagonal, centro comercial mágico localizado em Londres.

O currículo de Hogwarts é composto por oito disciplinas obrigatórias: Transfiguração, Defesa Contra as Artes das Trevas, Feitiços, Poções, Astronomia, Herbologia, História da Magia e Voo — esta última obrigatória apenas no primeiro ano, podendo ser continuada como disciplina opcional nos anos seguintes. A partir do terceiro ano, os alunos podem optar por disciplinas eletivas, entre as quais se destacam: Trato das Criaturas Mágicas, Aritmancia, Estudo de Runas Antigas, Estudo dos Trouxas e Adivinhação. O financiamento da escola é responsabilidade do Ministério da Magia, que também mantém um fundo assistencial para alunos em situação de vulnerabilidade econômica. Dessa forma, o acesso à educação mágica é universal e gratuito no território britânico.

Além das disciplinas e do sistema de admissão já mencionados, a Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts apresenta uma estrutura interna organizada em quatro casas: Grifinória, Sonserina, Corvinal e Lufa-Lufa. Cada aluno é selecionado para uma dessas casas logo no início do primeiro ano, por meio do Chapéu Seletor, que considera as características pessoais e habilidades individuais. Essa divisão não apenas organiza a convivência dos estudantes, mas também promove um sistema de pontos e competições entre as casas, incentivando o desenvolvimento acadêmico e social dos alunos.

O corpo docente de Hogwarts é composto por professores especializados em diversas áreas mágicas, responsáveis por ministrar aulas teóricas e práticas que combinam conhecimento técnico e aplicação direta de feitiços e outras habilidades. As avaliações são realizadas ao longo dos anos letivos, culminando nos exames nacionais que ocorrem em anos específicos da formação escolar: os Níveis de Objetivos Mágicos (N.O.M.s) são aplicados ao final do quinto ano, enquanto os Níveis Intermediários de Educação Mágica (N.I.E.M.s) ocorrem ao término do sexto ano. Esses exames são fundamentais para atestar a competência dos estudantes e definir os rumos de sua formação.

A escola também possui regras rígidas e mecanismos de disciplina, com punições que vão desde a perda de pontos para as casas até detenção e outras sanções, a fim de garantir a ordem e o bom funcionamento do ambiente escolar. Além das aulas regulares, Hogwarts incentiva a participação em atividades extracurriculares, como o Quadribol, esporte

tradicional entre bruxos, e diversos clubes que promovem o aprimoramento de habilidades específicas.

A educação em Hogwarts se destaca pela integração entre o ensino prático e teórico, o que possibilita aos alunos a vivência direta com o uso da magia, garantindo uma formação abrangente para que estejam aptos a atuar em diferentes áreas do mundo mágico. Grande parte dos estudantes, ao concluir seu percurso escolar, acaba ingressando em cargos no Ministério da Magia, demonstrando a importância da escola como base para a formação profissional e política dentro do universo mágico.

Embora a escola seja apresentada como um espaço de aprendizado e crescimento, não se trata de um lugar necessariamente seguro ou isento de perigos. Ao longo da saga, a escola é palco de inúmeros eventos que colocam em risco a vida dos estudantes e do corpo docente, revelando que o ambiente mágico, apesar de sua magia, não está imune a ameaças externas e internas. Desde a presença de criaturas mágicas perigosas em seu interior, como o basilisco na Câmara Secreta, até a infiltração de bruxos das trevas disfarçados, Hogwarts demonstra sua vulnerabilidade diante de forças que buscam subverter a ordem estabelecida.

O zelador de Hogwarts, Argus Filch, que possui um perfil severo e autoritário, chegou a utilizar métodos de punição considerados extremamente rigorosos e até mesmo tortuosos para controlar os estudantes, como o uso de armadilhas e punições físicas que não são mais aceitáveis. Esses métodos refletem uma concepção antiga de disciplina escolar, marcada pelo medo e pela repressão, e mesmo sem a continuidade desses métodos, Hogwarts ainda não é um exemplo de espaço seguro como ambiente escolar.

Esse histórico de perigos presentes dentro do colégio, as constantes ameaças internas e, em certa medida, a interferência direta do Ministério da Magia em Hogwarts para manipular interesses políticos do ministro oferecem um panorama que explica por que o ensino na escola nem sempre é plenamente eficaz. Além disso, essas condições contribuem para compreender a trajetória de Severo Snape, um aluno oriundo de um ambiente familiar precário, marcado por pobreza, negligência emocional e episódios de violência doméstica. Em Hogwarts, longe de encontrar acolhimento, enfrentou um sistema escolar que reforçava rivalidades entre casas e pouco agia diante de práticas de bullying e exclusão. Esse acúmulo de vivências duras, tanto no lar quanto na escola, contribui diretamente para a formação de sua personalidade: um docente rígido, amargurado e, muitas vezes, desalmado.

CAPÍTULO 3 - SEVERO ANTES DE PROFESSOR SNAPE

Este capítulo apresenta uma análise do percurso de Severo Snape como estudante em Hogwarts e como suas experiências enquanto discente influenciaram sua atuação como professor. Serão examinados os fatores que marcaram sua trajetória escolar, como o preconceito relacionado à sua origem mestiça, os conflitos com colegas, e a construção de sua identidade em meio a grupos exclusivos. Além disso, o capítulo abordará a metodologia severa e autoritária que Snape adotou em sua docência, destacando as relações de poder, o uso do medo e as consequências dessas práticas para seus alunos. A partir dessa análise, pretende-se compreender como as vivências pessoais e o contexto educacional contribuíram para a formação do professor Snape, refletindo sobre os efeitos da opressão e exclusão no ambiente escolar.

3.1 AS FAMÍLIAS BRUXAS E O MEDO DA DIFERENÇA

As manifestações precoces de magia no universo criado por J.K. Rowling fazem uma analogia com as capacidades básicas esperadas de um estudante modelo, como o domínio da fala, da escrita e do raciocínio lógico. Isso é perceptível principalmente nas duas primeiras obras da saga — Harry Potter e a Pedra Filosofal e Harry Potter e a Câmara Secreta. Ao contrário do mundo real, onde os primeiros passos e palavras de uma criança são marcos importantes, nas famílias bruxas o foco está em garantir que os filhos demonstrem poderes mágicos o mais cedo possível. Em especial nas famílias puro-sangue, a magia é tratada como prova de prestígio e continuidade de uma linhagem “limpa”. Nesse contexto, abortos (bruxos sem poderes) e trouxas (indivíduos nascidos sem nenhuma conexão mágica) ocupam a base da hierarquia social mágica, sendo frequentemente alvo de desprezo.

Esse tipo de lógica reflete as frustrações que Rowling viveu durante sua formação. Mesmo sendo reconhecida por seus professores na Universidade de Exeter como alguém criativa e com talento para a escrita, ela foi desencorajada a seguir carreira literária. Seu texto, What Was the Name of that Nymph Again? or Greek and Roman Studies Recalled, chegou a ser publicado pelo jornal universitário Pegasus, o que demonstrava sua aptidão acadêmica e sensibilidade literária. Ainda assim, ela foi levada a acreditar que escrever era um sonho inseguro demais e que havia caminhos mais práticos e respeitáveis, como o magistério.

A vivência escolar de Rowling, tanto como aluna quanto como professora, aparece constantemente nas estruturas da história e nas personalidades dos personagens. Mas talvez nenhum personagem representa com tanta força essa mistura entre rejeição, genialidade e repressão quanto Severo Snape. Para entender esse personagem tão complexo, é preciso voltar à sua origem. Foi em uma cidade fictícia chamada Cokeworth, mais especificamente na Rua da Fiação, que Snape passou a infância. O ambiente onde cresceu, e como ele foi moldado por isso, diz muito sobre o tipo de professor e o adulto que se tornaria.

3.2 O CONTEXTO SOCIOECONÔMICO DE SNAPE: COKEWORTH E AS MARCAS DO THATCHERISMO

Na região central da Inglaterra, onde antes se localizava o Reino da Mércia e que mais tarde formou as Terras Médias Inglesas (Midlands), há uma cidade fictícia chamada Cokeworth. Nela se encontra a Rua da Fiação, local que se supõe ter sido dominado pela indústria têxtil por volta da década de 1960, o que justificaria sua nomenclatura. Apesar do processo de industrialização, a paisagem do local revela sinais de abandono e pobreza. As casas, feitas de tijolos simples, foram progressivamente abandonadas por seus moradores, que buscavam melhores condições de vida em outros lugares. O ambiente urbano é tomado por uma flora descontrolada e por um rio poluído. Uma chaminé alta, remanescente de uma antiga fábrica desativada, representa os vestígios da atividade industrial que antes movimentava a economia da região. Em 1996, presume-se que o estabelecimento já estivesse fechado, agravando ainda mais a situação socioeconômica dos antigos operários. Já distante do auge da indústria de lã do século XVIII, a região mergulha em um cenário de estagnação e miséria.

Em 1991, Válter Dursley — marido de Petúnia Evans, que residia na Rua da Fiação durante sua infância — considera Cokeworth um refúgio seguro para escapar das cartas mágicas enviadas a seu sobrinho, Harry Potter. A cidade, por seu aspecto decadente e não mágico, parecia um esconderijo ideal. Ali, hospedam-se por uma noite no Railview Hotel, descrito como um hotel sombrio na periferia de uma grande cidade “[...] a névoa gelada que comprimia as vidraças do primeiro-ministro flutuava sobre um rio sujo que serpeava entre barrancos cobertos de mato e lixo. Uma enorme chaminé, relíquia de uma fábrica fechada, erguia-se sombria e agourenta.”(Rowling, 2005, p. 18).

A decadência de Cokeworth não é apenas um recurso narrativo, mas também um reflexo de processos históricos reais. Em 1979, Margaret Thatcher assumiu o cargo de primeira-ministra do Reino Unido, iniciando uma gestão marcada por políticas econômicas

neoliberais, inspiradas no monetarismo e austeridade. Visando controlar a inflação — que havia ultrapassado os 25% em meados da década de 1970 —, o governo Thatcher promoveu cortes de gastos públicos, privatizações em massa e a desregulamentação de setores estratégicos (BBC News, 2013).

Tais medidas, embora vistas como modernizadoras por setores empresariais, causaram profundos impactos sociais. O país atravessou um processo acelerado de desindustrialização, especialmente em regiões operárias como as Midlands. O desemprego disparou, atingindo cerca de 3 milhões de pessoas e alcançando 11,9% em 1984 (The Guardian, 2013). Além disso, os sindicatos foram enfraquecidos por reformas que restringiram sua atuação, e houve cortes severos em serviços públicos essenciais, como habitação e assistência social.

J.K. Rowling incorpora esse cenário histórico na representação de Cokeworth. A cidade fictícia espelha a realidade de diversas localidades inglesas que, após a transição de uma economia voltada para o bem-estar social para o liberalismo, foram abandonadas economicamente. Nesse contexto, os moradores da Rua da Fiação deixaram suas casas em busca de sobrevivência. Curiosamente, Severo Snape, já com 19 anos e formado em Hogwarts, permaneceu ali. Sua escolha por permanecer num espaço marginalizado revela a incapacidade de se desprender de sua origem marcada por traumas, miséria e exclusão social — elementos centrais na construção de sua personalidade.

Foi na Rua da Fiação que Severo Snape passou sua infância, cercado por trouxas (não-bruxos) que habitavam a mesma rua estreita e escura. Embora pertencesse ao mundo mágico, sua condição financeira era igualmente precária. Sua mãe, Eileen Prince, era uma bruxa puro-sangue, cujo sobrenome sugere uma origem aristocrática — Prince, traduzido como Príncipe, remete à nobreza e ao prestígio. Acredita-se que a família Prince tenha sido socialmente relevante, mantendo uma linhagem bruxa pura por certo tempo. Contudo, a união de Eileen com Tobias Snape, um trouxa, rompe essa linhagem, o que provavelmente resultou na exclusão da família da lista das Sagradas Vinte e Oito — uma relação de famílias puro-sangue publicada na década de 1930 e que sustentava ideais racistas por várias gerações (Rowling, 2007).

A relação entre Eileen e Tobias foi marcada por conflitos e negligência. Tobias Snape é retratado como uma figura apática e violenta, cuja ausência emocional e agressividade marcaram profundamente a infância de Severo. O jovem Snape é descrito usando roupas velhas, com cabelos sujos e comportamento retraído — sintomas de um ambiente doméstico disfuncional. Harry Potter, ao acessar uma memória do professor, presencia uma cena

reveladora. “[...] e de repente a mente do garoto estava apinhada de lembranças que não eram dele: um homem de nariz adunco gritava com uma mulher encolhida, enquanto um garotinho de cabelos escuros chorava a um canto.” (Rowling, 2003, p. 327).

Em outro momento, o próprio Snape admite com naturalidade a instabilidade familiar: “Ah, sim, eles estão discutindo,” disse Snape. “[...] Mas isso não vai durar muito tempo e vou embora.” (Rowling, 2007, p. 319).

Esses episódios indicam que sua aversão a bruxos nascidos trouxas não se resume a uma adesão ideológica, mas está enraizada em traumas pessoais e familiares. Sua permanência em Cokeworth, mesmo após sua ascensão como professor em Hogwarts, pode ser vista como um indício de estagnação emocional — uma ligação com as origens marginalizadas que nunca foram superadas.

3.3 SONSERINA: A PERSONIFICAÇÃO DA MARGINALIDADE

Dentro da Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts existe um sistema de divisão de grupos onde os alunos são selecionados para uma das quatro casas, que leva as características e valores dos quatro fundadores do colégio. Por meio do Chapéu Seletor, que é mágico e possui dons como a fala e a capacidade de ler mentes quando posto na cabeça de alguém, os alunos são divididos, e dentro dessas casas eles poderão obter ou perder pontos durante seu percurso educacional. A casa que possuir mais pontos no final do ano letivo é recompensada com a Taça das Casas, que é uma grande honra para os estudantes conquistarem.

A casa Corvinal é conhecida por abrigar os alunos de pensamento rápido e mentes prodigiosas, seguindo um estereótipo de indivíduos que consideram a obtenção de conhecimento a maior virtude que se possa ter. Grifinória acolhe aqueles que são corajosos e astutos, normalmente inseridos em papéis de protagonismo e destaque. Lufa-Lufa não se nega a receber qualquer um que precise de um lar, não fazendo qualquer tipo de distinção por meio das virtudes que os estudantes apresentam, algo que acarreta uma imagem de descartáveis e de pouco valor, como descrito pelo guarda-caça Hagrid. “— Casas na escola. São quatro. Todo mundo diz que Lufa-Lufa só tem panacas, mas é melhor a Lufa-Lufa do que a Sonserina.” (Rowling, 1997, p. 73).

Sendo um sistema já bem excludente, a quarta casa, Sonserina, consegue ser ainda mais separatista. Recebe apenas aqueles que sejam puro-sangue, acreditando que mestiços e nascidos trouxas não são dignos de ingressar em uma casa tão renomada. São conhecidos por abrigar os mais preconceituosos e a elite entre o mundo bruxo, não sendo bem-vistos entre os colegas devido à prepotência de seus membros, principalmente com a Grifinória, que tem uma rixa particular desde o tempo de seus fundadores. O personagem Hagrid também comenta: “Não tem um único bruxo nem uma única bruxa desencaminhados que não tenham passado por Sonserina”(Rowling, 1997, p. 73).

A construção moral da casa é totalmente baseada na ideia de eugenio, que é definida por Francis Galton como “o estudo dos agentes sob o controle social que podem melhorar ou empobrecer as qualidades raciais das futuras gerações, seja física ou mentalmente” (Galton, 1883, p. 45), e cujo termo significa bem nascido, algo que Rowling reaproveita na construção dos bruxos de sangue-puro e nascidos trouxas. Salazar Slytherin, fundador da Sonserina, decretou que apenas os que possuíssem a linhagem totalmente mágica poderiam aprender com ele. Muitos anos mais tarde, Harry não mede esforços para demonstrar sua antipatia pela casa ao conhecer um dos antigos diretores da Sonserina, Horácio Slughorn, que costumava organizar um grupo de estudantes extremamente seletivo em seu período como professor, apenas com alunos conectados diretamente com a hierarquia do mundo bruxo, que é majoritariamente sangue puro e pertencentes a Sonserina. Quando a mãe de Harry em sua época de escola se destaca entre os que eram considerados uma raça superior, causa estranheza no professor por a estudante ter nascido trouxa e ser aluna da Grifinória.

“– Eu era diretor da Sonserina. Ah, vamos – apressou-se a dizer, vendo a expressão no rosto de Harry, apontando o dedo em riste para o garoto –, não deixe que isto o influencie contra mim! Você deve ser da Grifinória como ela, não?” (Rowling, 2005, p.44).

Esse sistema de segregação exemplifica o que Paulo Freire chamou de “educação bancária”, que reproduz a opressão ao impor normas e valores que excluem e classificam os alunos conforme interesses sociais predeterminados, limitando o potencial crítico e a emancipação dos educandos (Freire, 1996, p. 53).

Salazar reprimia tanto os nascidos trouxas quando ainda era vivo que, antes de abandonar Hogwarts, criou uma Câmara Secreta que guardava um basilisco — uma criatura mágica na forma de uma cobra gigantesca, capaz de petrificar com apenas um olhar e matar em poucos minutos com seu veneno letal — com o intuito de que um herdeiro de sua família um dia abrisse a câmara e libertasse o monstro, causando devastação e morte contra os trouxas

e disseminando assim a seleção de quem era ou não digno de aprender magia. Após uma aula de História da Magia, Rony Weasley comenta sua insatisfação com as práticas de Salazar, após uma explicação do Professor Binns sobre a lenda da Câmara Secreta: “Eu sempre soube que Salazar Slytherin era um velho maluco e tortuoso, mas não sabia que ele é quem tinha começado toda essa história de puro sangue. Eu não ficaria na casa dele nem que me pagassem.” (Rowling, 1999, p. 114).

Poucas foram as exceções de mestiços que ingressaram na Sonserina ao longo dos anos, sendo conhecidos apenas três casos de grande destaque na série de livros. O primeiro deles é: Tom Riddle, que mais tarde assumiria o nome de Lorde Voldemort, grande antagonista da saga, formaria um grupo de seguidores, os Comensais da Morte — que acreditavam fielmente na erradicação dos trouxas e na ascensão dos bruxos de sangue puro —, sem saber que Voldemort não era puro-sangue.

Outro, é o de Dolores Umbridge, professora de Defesa Contra as Artes das Trevas e mais tarde diretora de Hogwarts, que alcançou altos cargos de confiança no Ministério da Magia por ocultar a linhagem de sua família e ficou conhecida por sua postura ditatorial.

E, por fim, o último caso conhecido é Severo Snape, que possuía uma linhagem familiar puramente bruxa (família Prince) até o envolvimento de sua mãe com Tobias Snape. Almejando pertencer à casa antes mesmo de entrar em Hogwarts, Snape conheceu James Potter, pai do protagonista da série, no trem que levava ao colégio, nascendo ali mais uma vez a rivalidade entre Grifinória e Sonserina, muito comum ao longo dos livros, quando James ridicularizou o desejo de Snape em entrar na Sonserina. “Quem quer ir para a Sonserina? Acho que eu desistiria da escola, você não? — James perguntou a um garoto esparramado nos assentos defronte a ele, e, com um sobressalto, Harry percebeu que era Sirius. Sirius não riu.” (Rowling, 2007, p. 321).

Dentro de Hogwarts, mesmo não sendo da elite ou puro-sangue, os dons mágicos e conhecimentos de Snape se destacaram entre os demais. Ele adota o codinome de príncipe mestiço que faz referência direta ao sobrenome de sua mãe e a mesclagem sanguínea que o torna mestiço, talvez motivado pelo seu mais tarde mestre Tom Riddle, que ficou conhecido como Voldemort. Essa persona foi criada por Snape para representar uma versão idealizada e mais poderosa de si mesmo, onde ele ressignifica a condição de mestiço que é muitas vezes vista como inferior no mundo bruxo.

No primeiro ano, ele já conhecia mais feitiços e azarações do que os estudantes mais avançados, ganhando rapidamente o respeito dos subgrupos dentro da Sonserina, que mais

tarde formariam os Comensais da Morte. Esse grupo de alunos era conhecido por azarar trouxas (feitiços com intuito de causar azar ou malefício), perseguir mestiços e criar situações problemáticas com as outras casas, mas acolheu Snape como um igual, sem saber de sua origem trouxa. Apenas Lily Evans parecia perceber os relacionamentos problemáticos que Snape estava desenvolvendo, posicionando-se contra esses laços. “[...]Mas não gosto de um pessoal com quem você anda! Desculpe, mas detesto Avery e Mulciber! Mulciber! O que vê nele, Sev? Me dá arrepios! Você sabe o que ele tentou fazer com a Maria Macdonald outro dia?” (Rowling, 2007, p. 322).

Quando Snape se tornou estudante, o diretor da casa Sonserina era Horácio Slughorn. Esse professor ficou conhecido pelo seu famoso Clube do Sligue, um grupo que acolhia alunos com potencial para se tornarem grandes figuras no mundo bruxo, selecionados a dedo pelo próprio Slughorn. Desse grupo surgiram chefes de departamento, ministros da magia e jogadores profissionais de Quadribol. Mesmo não seguindo à risca os mandamentos do fundador da Sonserina, Horácio ainda mantinha, institucionalmente, certo preconceito contra nascidos trouxas e mestiços, como demonstrou em uma conversa com Harry ao tratar da mãe deste, Lily Evans, que foi membro do Clube do Sligue: “Sua mãe, naturalmente, nasceu trouxa. Não consegui acreditar quando soube. Eu achava que devia ser puro-sangue, era tão inteligente!” (Rowling, 2005, p. 45).

Para Slughorn, as questões sanguíneas podiam ser superadas se algum estudante demonstrasse grandes aptidões mágicas, e foi essa visão que o levou a acolher no Clube do Sligue Lily Evans, mãe de Harry Potter, e Severo Snape. Mesmo dentro do grupo, o docente não tinha grandes expectativas para Snape devido ao seu comportamento introspectivo e aparência desleixada, mas ainda assim manteve uma foto dele entre sua coleção, além da cópia de um livro chamado Estudos Avançados no Preparo de Poções com as anotações do estudante. Enquanto professor, sustentou o Clube do Sligue como uma maneira de se manter socialmente relevante no mundo bruxo e retornou anos depois a Hogwarts com o objetivo claro de ter Harry Potter entre seus alunos particulares. Harry notou que Slughorn falava de seus estudantes como se fossem coleções muito preciosas, mencionando prodígios que não ingressaram em sua casa como perdas em um leilão. O professor se orgulhava especialmente de ter a maior parte dos Black em sua casa, uma família sangue-puro de renome. “Toda a família Black pertenceu à minha casa, mas Sirius acabou na Grifinória! Uma vergonha... era um garoto talentoso. Fiquei com o irmão dele, Régulo, quando apareceu, mas eu teria preferido a família toda.” (Rowling, 2005, p. 45).

Mesmo entre grupos de prestígio, Snape nunca teve Hogwarts como ambiente seguro. Durante todo o seu percurso escolar, foi perseguido e maltratado pelo grupo conhecido como Os Marotos, liderado por seu arqui-inimigo James Potter. Essa relação hostil perdurou pelos sete anos de ensino, sendo um desses confrontos que levou à separação entre Snape e Lily, única pessoa que se mantinha próxima a ele fora do círculo íntimo da Sonserina. Após isso, Snape mergulhou de vez no grupo dos Comensais da Morte, ganhando respeito entre os delinquentes. É nesse contexto que o conceito de Paulo Freire (1996) se aplica, quando ele afirma que, “quando o ambiente escolar não é transformador, o sonho do oprimido é se tornar opressor” (Freire, 1996, p. 43). Snape carregou as mágoas de seu ensino para a posição de educador, e seu interesse pelas Artes das Trevas ampliou-se ao ver essa prática como um recurso de proteção e vingança contra James Potter que comandava um grupo chamado de os Marotos.

Os Marotos eram um grupo de alunos da Grifinória formado por James Potter, Sirius Black, Remus Lupin e Peter Pettigrew. Embora fossem frequentemente admirados pelos colegas e até por alguns professores devido à sua inteligência e carisma, é evidente que o grupo operava dentro de uma lógica de privilégio, onde a transgressão das regras era tolerada — ou mesmo romantizada — quando vinha de figuras populares. Suas travessuras eram, muitas vezes, atos de humilhação pública, especialmente direcionados a Snape, que se tornava alvo constante de provocações e feitiços, quase sempre sem consequências para os agressores.

A presença dos Marotos na narrativa revela como certas estruturas escolares — inclusive as mágicas — reforçam a ideia de que o carisma, riqueza e a popularidade podem servir como escudo para práticas de exclusão e violência simbólica com total impunidade. No caso de Snape, esses episódios foram determinantes para sua formação afetiva e ideológica, deixando marcas profundas que influenciam diretamente sua postura como professor e seu modo de se relacionar com Harry, filho de James, sobre quem ele projeta as memórias e ressentimentos do passado.

Em Harry Potter e o Enigma do Príncipe, durante um confronto, Harry tenta usar um feitiço criado por Snape para se defender do pai:

Você me chamou de covarde, Potter? – gritou Snape. – Seu pai nunca me atacava, a não ser que fossem quatro contra um, que nome você daria a ele? [...]. Você se atreve a usar os meus feitiços contra mim, Potter? Fui eu quem os inventei: eu, o Príncipe Mestiço! E você viraria as minhas invenções contra mim, como o nojento do seu pai, não é? Eu acho que não... não! (Rowling, 2005, p. 327).

Durante seus últimos anos como estudante, Snape dedicou boa parte do seu tempo ao desenvolvimento não apenas de poções, mas também de encantamentos hostis, azarações e feitiços cortantes contra seus inimigos. Um desses feitiços, Sectumsempra, produz o efeito de várias espadas afiadas e invisíveis mutilando o corpo da vítima, podendo levar à morte por hemorragia em curto período. Em Harry Potter e o Enigma do Príncipe, Snape apenas descobre que Harry possui seu caderno de anotações quando este usa a maldição contra Draco Malfoy, quase levando-o à morte. Curiosamente, é justamente por meio desse livro — no qual Snape se esconde sob o codinome de Príncipe Mestiço — que Harry, sem saber a autoria das anotações, consegue pela primeira vez se destacar na disciplina de Poções. Até então, seu desempenho era mediano, prejudicado em parte pela tensão constante entre ele e o professor, cuja antipatia explícita criava um ambiente de aprendizagem hostil. No entanto, ao seguir as instruções manuscritas do antigo caderno, livres da figura autoritária de Snape, Harry descobre métodos mais eficazes e acessíveis, além de truques práticos que não constavam no livro oficial. Essa experiência evidencia como o conhecimento pode fluir quando as barreiras interpessoais são retiradas do processo pedagógico. Como defende Paulo Freire, “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (Freire, 1996, p. 47). No caderno do Príncipe Mestiço, Snape, sem pretensões de ensinar diretamente, acaba oferecendo a Harry, ainda que de forma involuntária e despersonalizada, uma verdadeira mediação pedagógica, revelando pela primeira vez em suas dinâmicas como docente que a forma como o conhecimento é apresentado pode ser tão decisiva quanto o conteúdo em si.

Assim, a trajetória de Severo Snape dentro de Hogwarts exemplifica como um ambiente educacional marcado por preconceitos, exclusões e rivalidades pode moldar identidades e posicionamentos, muitas vezes conduzindo o aluno oprimido a reproduzir a opressão que sofreu. O sistema de casas, especialmente na Sonserina, funciona como um mecanismo de segregação social que reforça a ideia de pureza de sangue e exclusão dos considerados indignos. Como aponta Paulo Freire (1996), a educação deve ser um processo libertador e transformador; no entanto, quando essa função é subvertida por práticas excludentes, a escola deixa de cumprir seu papel emancipatório, servindo como palco para a reprodução das injustiças sociais e o fortalecimento de grupos dominantes. A história de Snape, marcada pelo conflito entre sua origem mestiça e o desejo de pertencimento a uma elite mágica, evidencia as tensões e contradições que perpassam o universo mágico, refletindo, em última instância, questões sociais e educativas que transcendem a ficção.

3.4 O MESTRE DE POÇÕES E SUA DIDÁTICA

Quando Severo Snape assume a posição de mestre de poções, a matéria deixa de ser um ambiente onde os estudantes almejam pertencer a um grupo de elite e desenvolver relações importantes, como o Clube do Sligue, para se tornar um local hostil e de temor.

Vocês estão aqui para aprender a ciência util e a arte exata do preparo de poções – começou. Falava pouco acima de um sussurro, mas eles não perderam nenhuma palavra. Como a Profa. Minerva, Snape tinha o dom de manter uma classe silenciosa sem esforço (Rowling, 2000, p. 79).

Snape nunca teve dificuldade em manter uma turma sob controle e não precisava exigir silêncio ou atenção durante suas aulas. “Cruel, irônico e detestado por todo mundo, exceto pelos alunos de sua própria casa (Sonserina), Snape ensinava Poções” (Rowling, 2001, p. 62). O problema de sua metodologia era o cerne que fundamentava seu ensino: o medo. Os alunos desfrutavam do pior que ele havia acumulado durante os anos, e seu jeito carrancudo, agressivo e maldoso instiga temor em quase todos os estudantes, exceto os sonserinos. Ao assumir a posição de professor de Poções, tornou-se também diretor de sua antiga casa, a Sonserina, e com esse poder distribuiu privilégios e regalias para esse grupo de estudantes, garantindo à casa sete vitórias consecutivas na Taça das Casas. Snape conseguiu levar a rivalidade entre as casas a outro patamar, de modo que as demais casas ficavam satisfeitas apenas com a possibilidade de interromper a sequência vitoriosa da Sonserina. Rony Weasley, melhor amigo de Harry, expressa a imagem popular de Snape, mesmo entre estudantes que ainda não tiveram contato com suas aulas. “Poções duplas com o pessoal da Sonserina. Snape é diretor da Sonserina. Dizem que sempre protege eles. Vamos ver se é verdade” (Rowling, 2000, p. 79).

O primeiro contato de Harry com uma aula de poções foi frustrante. Snape demonstrava seu desprezo pelos estudantes sem pudor, e sua aparência física gerava temor. Harry descreveu os olhos do professor como frios e vazios como túneis escuros e, em poucos minutos, Snape conseguiu desestabilizá-lo, despejando perguntas avançadas e ridicularizando-o diante da classe. Ele menosprezou a mão da colega Hermione, que se ergueu para responder todas as questões, focado não em criar um ambiente para troca de conhecimento, mas em inferiorizar os alunos, principalmente os da Grifinória. Logo no início, retirou pontos da casa sem qualquer razão consistente. Harry, diferente da maioria dos estudantes, não havia crescido em ambiente mágico e tinha pouco conhecimento prévio; Snape não considerou essa realidade, frustrando Harry e prejudicando sua casa.

Folheara os livros na casa dos Dursley, mas será que Snape esperava que ele se lembrasse de tudo que vira em Mil ervas e fungos mágicos? Snape continuava a desprezar a mão trêmula de Hermione” [...]. Ao final, Snape anunciou: “E vou descontar um ponto da Grifinória por sua impertinência, Potter” (Rowling, 2000, p. 80).

Na parte prática, ordenou que os estudantes fizessem uma poção simples em duplas. Enquanto os alunos preparavam os ingredientes da poção, Snape criticava todos, exceto Draco Malfoy, com quem mantinha relação de amizade por meio do pai deste, Lúcio Malfoy.

Em seguida voltou-se zangado para Harry e Rony, que estavam trabalhando ao lado de Neville. – Você, Potter, por que não disse a ele para não adicionar as cerdas? Achou que você pareceria melhor se ele errasse, não foi? Mais um ponto que você perdeu para Grifinória (Rowling, 2000, p. 81).

Outro exemplo da postura autoritária de Snape é quando Neville Longbottom, desajeitado e atrapalhado da Grifinória, adicionou um ingrediente errado à poção, causando um acidente. A poção derramada fez Neville se encharcar e ficar com furúnculos dolorosos. Uma cortina de fumaça verde invadiu a masmorra, e Snape aproveitou para perseguir Neville. “Menino idiota! – vociferou Snape, limpando a poção derramada com um aceno da varinha” (Rowling, 2000, p. 81).

Em duas aulas de Poções Snape conseguiu abalar a confiança e empolgação de Harry. Também marcou para sempre a autoestima de Neville. Como aponta Paulo Freire, nenhum professor “passa pelos alunos sem deixar a sua marca” (Freire, 2016, p. 64). Em Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban, terceiro livro da série, é mostrado o Bicho-Papão, criatura que assume a forma do que a pessoa mais teme. Para Neville, a forma era o professor Snape: “Ouviu-se um ruído que lembrava o estalido de um chicote. O guarda-roupa se abriu com violência. Com o nariz curvo e ameaçador, o Prof. Snape saiu, os olhos faiscando para Neville” (Rowling, 1999, p. 100).

As tentativas de Snape de constranger e envergonhar Neville tornaram-se frequentes, utilizando meios verbais e até físicos para gerar terror em seu estudante.

“Longbottom, no final da aula vamos dar algumas gotas desta poção ao seu sapo e ver o que acontece. Quem sabe isto o estimule a preparar a poção corretamente” [...]. Venham todos para cá e observem o que acontece ao sapo de Longbottom. Se ele conseguiu produzir uma Poção Redutora, o sapo vai virar um girino. Se, o que eu não duvido, ele não preparou a poção direito, o sapo provavelmente vai ser envenenado” (Rowling, 1999, p. 93-94).

Esse temor que Snape instaurou em Neville se espalhou para quase todos os estudantes que não pertenciam à Sonserina. As práticas opressivas geram medo e insegurança

em relação à disciplina, especialmente em Neville, que tinha notas excepcionais em Herbologia, matéria que abrange grande parte das práticas de poções. Entretanto, faltava em Poções. As plantas estudadas em Herbologia são ferramentas indispensáveis nas práticas de poções, mas o talento natural de Neville foi bloqueado pela postura opressiva de Snape, que podava seu interesse e autoestima. Sobre as conexões proporcionadas pelo estudo, Freire diz que “Estudar é desocultar, é ganhar a compreensão mais exata do objeto, é perceber suas relações com outros objetos” (Freire, 1997, p. 23).

Na adaptação cinematográfica de Harry Potter e o Cálice de Fogo, há uma alteração na trama para destacar essa aptidão em Herbologia: Neville ajuda Harry na segunda prova do Torneio Tribruxo, sugerindo o uso do guelricho, planta mágica usada na disciplina de Snape, para respirar e se locomover debaixo d’água. Durante a prova, os campeões devem entrar no lago negro para resgatar amigos presos no fundo, protegidos por sereianos sanguinários, e graças ao guelricho Harry consegue completar a prova ileso. Apesar do talento natural para Herbologia, a postura opressiva de Snape causou em Neville um desempenho ruim em Poções, ainda que as duas disciplinas sejam interligadas.

3.5 REFLEXOS DO DISCENTE

Paulo Freire lembra que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra” (Freire, 1987, p. 23), destacando que toda prática educativa está imersa em contextos históricos, sociais e subjetivos. Assim, pensar o papel do professor vai além da partilha de conteúdos: envolve compreender o lugar simbólico que esse educador ocupa dentro das estruturas de poder e exclusão. A educação, embora amplamente idealizada como caminho de libertação, também pode reproduzir violências sutis — ou explícitas — que afetam tanto o rendimento acadêmico quanto o desenvolvimento social e crítico dos estudantes. Dentro do universo de Harry Potter, o professor Snape personifica um modelo de docente temido, rígido, muitas vezes cruel. Porém, para além da imagem simplificada do “mau mestre”, é preciso investigar os mecanismos que o conduziram a essa postura, entendendo como sua trajetória pessoal, somada às estruturas excluientes da própria Hogwarts, o empurraram para um papel que, ao mesmo tempo em que o isola, o legitima como figura de poder.

No capítulo vinte e oito de Harry Potter e a Ordem da Fênix, intitulado “A pior lembrança de Snape”, é apresentado um pouco do período do docente quando ainda era aluno e contextualizado qual era o cerne de todo seu ódio contra Harry, os alunos da Grifinória e sua postura áspera. A rivalidade entre James Potter (pai de Harry) e Snape é citada em alguns momentos durante a saga, mas somente nesse capítulo se mostra a relação entre os dois. Enquanto estava no escritório de Snape sozinho, Harry aproveitou-se para dar uma espiada na memória de Snape na penseira, viajando por uma lembrança de seus pais, Snape e o restante dos Marotos na época de escola durante os NOMs (Níveis Ordinários em Magia). Após a prova, ao se encontrarem no gramado, James junto de Sirius rapidamente vai ao encontro de Snape, o enfeitiçando e zombando de sua aparência para todos os alunos próximos. “Snape era claramente impopular. Rabicho soltava risadinhas agudas. Snape tentava se erguer, mas a azaração ainda o immobilizava; ele lutava como se estivesse amarrado por cordas invisíveis” (Rowling, 2003, p. 399)

Aparentemente esses ataques eram constantes, e sempre em bando. James estava sempre acompanhado de seus amigos, Sirius, Remo e Pedro. Por intermédio de Lily, mãe de Harry, James desfaz o feitiço contra Snape, e em um breve surto emocional, Severo a chama de sangue ruim. Magoada, Lily parte para longe após ofender James, que volta a azarar Snape e o coloca de ponta cabeça mais uma vez. “Houve outro lampejo, e Snape, mais uma vez, ficou pendurado no ar de cabeça para baixo. – Quem quer ver eu tirar as cuecas do Ranhoso?” (Rowling, 2003, p. 400)

Antes que pudesse ver se James realmente as tirou, Snape chegou na sala e o tirou com força de dentro da penseira (artefato mágico capaz de reproduzir memórias), apertando seu braço fortemente. Nos livros anteriores, Harry sempre adotou uma postura de defesa em relação ao seu pai, o defendendo e o admirando. O choque, as revelações e o temor que teve de seu docente naquele momento alteraram um pouco a visão do protagonista de como a dinâmica entre seu pai e o docente realmente ocorreu.

“...mas saber o que era ser humilhado em público, saber exatamente como Snape se sentira quando seu pai o atormentara, e a julgar pelo que acabara de presenciar, seu pai fora tão arrogante quanto Snape sempre o acusara de ser.” (Rowling, 2003, p. 401).

Em uma outra ocasião, Snape foi influenciado por Sirius até o Salgueiro Lutador, uma árvore mágica e agressiva no terreno da escola, com a intenção de causar-lhe dano. Além do perigo mortal da árvore, Snape não sabe que os túneis subterrâneos levam para uma casa que

abriga Lupin, um dos marotos, transformado em lobisomem e incapaz momentaneamente de raciocinar, sendo um perigo ainda maior ao jovem Snape.

Preso nos galhos da árvore e em perigo, Snape se viu vulnerável diante da situação armada pelos Marotos. Contudo, James Potter, para evitar maiores complicações para si e para o grupo, decidiu intervir e salvá-lo do ataque do Salgueiro, uma ação motivada mais pelo interesse em se livrar de problemas do que por qualquer sentimento de solidariedade. James, com toda certeza, tinha consciência de que mesmo com a vista grossa que Dumbledore fez quanto ao bullying causado pelos marotos contra Snape, não poderia tratar com normalidade a morte de um estudante dentro dos terrenos da escola sem comprometer o ministério da magia.

Dentro dessas lembranças e da perspectiva de Harry, se lança luz ao que Freire disse. Se a educação tem papel de transformação, então Hogwarts falhou com Snape. Não há trechos ou destiques que apontem que Dumbledore interferiu na sua posição de direção para proporcionar uma qualidade de vida melhor para Snape ou até mesmo para impedir qualquer tipo de bullying sofrido pelo estudante. Por mais que se destaque a parcialidade do personagem durante todos os livros, nem mesmo quando Sirius atenta contra a vida do rival por meio do salgueiro lutador há qualquer tipo de imparcialidade que penda para a posição de Snape, anteriormente vítima.

É toda essa construção social dentro da esfera pedagógica que permite que ocorra centenas de atrocidades nas aulas de Snape. É um reflexo também da administração escolar de Dumbledore, que fez vista grossa tanto para o bullying sofrido por Snape na infância quanto ao praticado na posição de professor. Snape é prova viva de que quando a educação não é transformadora, o sonho do oprimido é se tornar opressor, e que de vez em quando esse sonho se realiza.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou compreender como a trajetória pessoal de Severo Snape, desde sua experiência enquanto aluno em Hogwarts até sua atuação como professor de Poções, moldou sua postura severa e autoritária em sala de aula. A análise mostrou que o percurso de Snape enquanto discente, marcado por exclusão, preconceito e conflitos dentro do ambiente escolar, influenciou diretamente a forma como ele exerceu seu papel docente.

Durante sua formação como estudante, Snape vivenciou um ambiente hostil, permeado por rivalidades intensas e pela discriminação, especialmente motivada pela divisão entre as casas e pelo preconceito relacionado à pureza do sangue. Essas experiências contribuíram para que ele internalizasse uma visão rígida e punitiva do ensino, baseando suas aulas no medo e na humilhação como forma de controle e afirmação de poder.

Sua conduta autoritária, especialmente contra alunos de outras casas, exemplifica como as marcas deixadas pelo ambiente escolar enquanto aluno se refletiram em sua prática pedagógica. Através do uso do medo, da crítica constante e do favorecimento explícito dos estudantes da Sonserina, Snape manteve e intensificou um ciclo de opressão dentro da escola, afetando negativamente a autoestima e o desenvolvimento acadêmico de muitos alunos, como Harry Potter e Neville Longbottom.

Assim, o estudo reafirma que a trajetória do sujeito enquanto aluno pode exercer forte influência sobre sua atuação docente, tanto em termos metodológicos quanto em relação às relações de poder que se estabelecem em sala de aula. No caso de Snape, sua história pessoal de exclusão e ressentimento serviu para construir um professor rígido, cuja severidade e

práticas autoritárias representam as marcas profundas de sua vivência escolar.

Este panorama contribui para a reflexão crítica sobre a importância de ambientes educacionais acolhedores e inclusivos, que rompam com ciclos de exclusão e opressão, destacando como experiências escolares negativas podem repercutir na formação de educadores e na dinâmica pedagógica.

Nota-se que a atuação docente, embora central, não ocorre de forma isolada dentro do ambiente escolar. Outras funções escolares, como a direção, exercem um impacto direto e significativo na qualidade da educação e no clima institucional. No caso de Hogwarts, a postura imparcial e, em muitos momentos, negligente de Alvo Dumbledore frente às práticas de bullying promovidas pelos Marotos e à metodologia severa e punitiva adotada por Severo Snape evidencia uma ausência de intervenção efetiva para garantir um ambiente escolar saudável e seguro. Essa falta de mediação e regulação por parte da direção contribuiu para a perpetuação de ciclos de opressão e exclusão, mostrando que o papel da liderança escolar é fundamental para o estabelecimento de limites e para o fomento de práticas pedagógicas mais inclusivas e acolhedoras. Assim, a reflexão sobre a trajetória de Snape e sua atuação docente não pode se dissociar da análise do contexto institucional mais amplo, que também influencia diretamente as relações de poder e os processos educativos na escola.

Além disso, esta análise evidencia a necessidade de uma compreensão mais empática dos processos formativos dos docentes, reconhecendo que atitudes aparentemente “desalmadas” podem ter raízes em traumas e vivências pessoais complexas. Reconhecer essa dimensão humana pode abrir caminhos para estratégias de intervenção e formação continuada que promovam a transformação das práticas pedagógicas.

Por fim, a trajetória de Snape convida a refletir sobre o papel da escola não apenas como espaço de ensino de conhecimento, mas como ambiente de socialização e construção de identidades. Não se alcança uma conclusão que traga todas as respostas ao tema, mas em contextos onde a exclusão e o preconceito se naturalizam, há um risco maior de reproduzir padrões de violência simbólica e institucional. Portanto, é fundamental que políticas educacionais e práticas docentes estejam alinhadas a uma perspectiva que valorize a diversidade, o respeito mútuo e o desenvolvimento integral do sujeito, prevenindo assim que as experiências negativas do passado se perpetuem em novas gerações.

REFERÊNCIAS

- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofia e educação.** 9. ed. São Paulo: Moderna, 2006.
- ARISTÓTELES. **Refutações sofísticas.** Tradução de Edson Bini. São Paulo: Loyola, 2001.
- AVENTURAS NA HISTÓRIA. **John Nettleship: conheça o professor de Química que teria inspirado Severo Snape de Harry Potter.** 2023. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.com.br/noticias/reportagem/john-nettleship-conheca-o-professor-de-quimica-que-teria-inspirado-severo-snape-de-harry-potter.phtml>. Acesso em: 14 jul. 2025.
- BBC NEWS. **The Thatcher years in statistics.** 08 abr. 2013. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/uk-politics-22070491>. Acesso em: 30 maio 2025.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Educação, saber e poder.** São Paulo: Cortez, 2007.
- CHAUI, Marilena. **Convite à filosofia.** São Paulo: Ática, 2000.
- COTRIM, Gilberto. **Fundamentos da filosofia: história e grandes temas.** São Paulo: Saraiva, 2015.
- FORBES. **The world's billionaires: Joanne K. Rowling.** 2004. Disponível em: https://www.forbes.com/2004/03/04/cz_kk_0304rowling.html. Acesso em: 14 jul. 2025.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** 23. ed. São Paulo: Cortez, 1982.
- FREIRE, Paulo. **Cartas à Guiné-Bissau.** São Paulo: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 31. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar.** São Paulo: Olho D'Água, 1997.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. **Educação e a crise do capitalismo no Brasil.** São Paulo: Cortez, 2011.
- GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho: ensinar-e-aprender com sentido.** 3. ed. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2003.
- GADOTTI, Moacir. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações.** São Paulo: Cortez, 2000.
- GALTON, Francis. **Inquiries into human faculty and its development.** London: Macmillan, 1883.
- GHIRALDELLI JR., Paulo. **História da educação brasileira.** São Paulo: Cortez, 2009.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática e educação: uma abordagem crítica e transformadora.** 3. ed. São Paulo: Cortez, 2013.
- INSTITUTO ANTONIO HOUAISS. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- ROWLING, J.K. **Harry Potter e a Pedra Filosofal.** Tradução de Lia Wyler. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- ROWLING, J.K. **Harry Potter e a Câmara Secreta.** Tradução de Lia Wyler. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- ROWLING, J.K. **Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban.** Tradução de Lia Wyler. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.
- ROWLING, J.K. **Harry Potter e o Cálice de Fogo.** Tradução de Lia Wyler. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.
- ROWLING J.K. **Harry Potter e a Ordem da Fênix.** Tradução de Lia Wyler. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.
- ROWLING, J.K. **Harry Potter e o Enigma do Príncipe.** Tradução de Lia Wyler. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.
- ROWLING, J.K. **Harry Potter e as Relíquias da Morte.** Tradução de Lia Wyler. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

MALUF, Maria da Glória. **A formação do educador e o processo de ensino-aprendizagem.** 3. ed. São Paulo: Ática, 1997.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da educação no Brasil.** Petrópolis: Vozes, 2010.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil.** Campinas: Autores Associados, 2007.

SMITH, Sean. **J. K. Rowling: A Biography.** Londres: Michael O'Mara Books, 2003.

THE GUARDIAN. **Britain under Margaret Thatcher – in statistics.** 12 abr. 2013. Disponível em: <https://www.theguardian.com/politics/2013/apr/12/thatcher-britain>. Acesso em: 30 maio 2025.